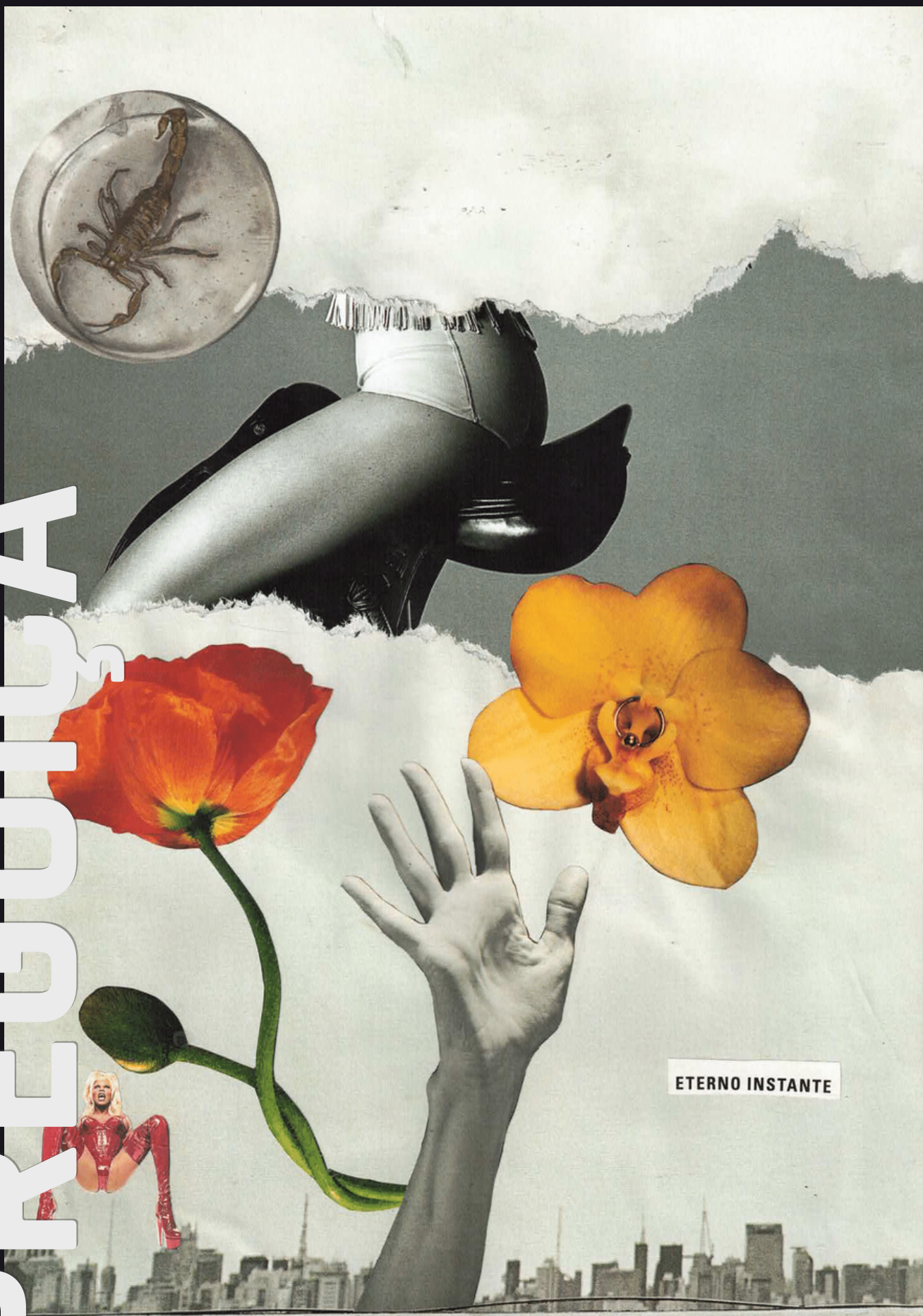


Dezembro de 2020  
PET - LETRAS UFSC

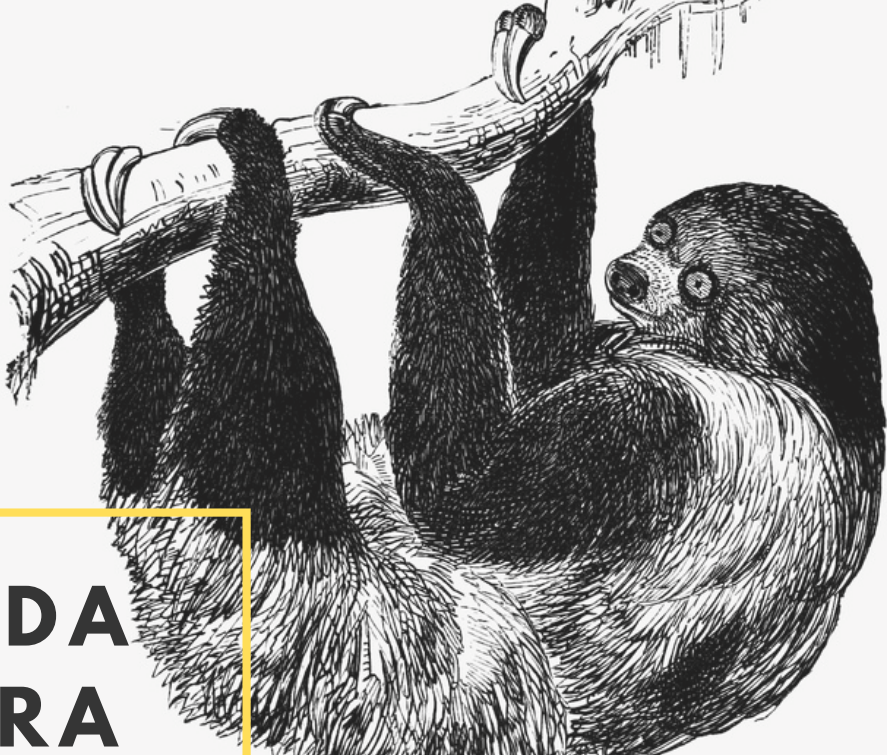


# PREGUIÇA



ETERNO INSTANTE

A REVISTA PARA QUEM NÃO TEM PRESSA.

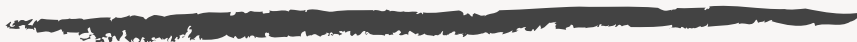


## NOTA DA EDITORA

Alguns dizem que estamos em um momento de produção de ideias e que, apesar da permanência de alguns velhos ritos de separação entre a vida e o trabalho - os portões, as portarias, os relógios de ponto com os seus cartões, os vigias e os horários de entrada e de saída estipulados por contrato -, a vida penetrou na empresa e o trabalho difundiu-se pela vida afora. Todo aquele que trabalha com ideias carrega consigo os problemas relacionados ao próprio trabalho vinte e quatro horas por dia. Não mais se trata de expansão do horário de trabalho, mas sim de uma fusão entre o trabalho e a vida.

Nesse cenário, onde situar o ócio? Considerado menos útil, menos importante, menos ético do que o trabalho, como lidar com a improdutividade que o caracteriza? Na situação onde trabalho e vida se confundem, qual o lugar de fruição estrita da vida? A preguiça parece-nos emergir da tentativa de lidar com essa questão, da incapacidade resultante dos esforços educacionais focados em sua maior parte no trabalho. A preguiça, para nós, não é uma oposição direta ao trabalho, mas uma rebeldia contra a penetração deste no que deveria pertencer ao âmbito do repouso.

A Revista Preguiça propõe-se como esse lugar de atividade ociosa, tanto como objeto de consumo, quanto objetivo de produção. Um espaço para textos e imagens que busquem a emancipação do compromisso produtivo, mas, como produto acabado, configuram-se como uma tentativa, uma convulsão na busca do simplesmente existir.





# AUTORES E ARTISTAS

D. Luiz Miranda  
Bárbara Farias da Silva  
Daniel Guimarães Lobo  
Marcos Oliveira Jr.  
Mayumi M. Esmeraldino  
Sophia Valentim de Andrade

Naylê F. Pertuzzatti  
Gabriela da Costa Oms

# EX NIHILO

[ D. Luiz Miranda ]



Me contaram, com a crueldade que carregam todas as conversas casuais, que queres ser escritor! Que bela lástima escolheste para chamar de dor própria. Confesso que não pude aquietar-me antes de escrever-te esta breve carta. Confinei-me em minha própria mente para tentar, em um lapso de lucidez, ajuntar argumentos o bastante fortes para abrir-te os olhos com sensatez, arrancando de tua cabeça tão descabida ideia. Fracassei. O fato é que o homem não pode fugir de seu destino. Mesmo porque não existe destino.

Tentei, então, pensar em razões para não enviar-te uma carta. Fracassei, mais uma vez (o que me levou a perceber a estranheza do momento e das reações que a notícia causaram em mim, posto que raramente erro; muito menos ainda duas vezes, em tão pouco tempo, no mesmo dia). Iniciei esta carta sem saber porque escrever, mas sem motivos que me impedissem de fazê-lo. E, justo por isso, esta carta tem algum valor de conselho. Por não saber o que escrever nem porque não escrever, escrevi. Sem direção. Sem rumo. Escrevi o que me foi jogado à cara. E isto posso dizer-te com leveza de espírito: escreve o que o ócio te jogar à cara. O ofício de escrever se trata de poder escrever como e quando quiser. São teus o papel e a máquina, oras bolas. Ou a pena e o tinteiro, se preferires. Pouco importa. Importa que te

ponhas a escrever! Põe-te a escrever, se é esta a morte que queres para ti.

Digo morte porque, para o escritor, esta é a direção para qual se corre, desatento e desprecaído, à medida que se escreve. É assim, pois, na dialética do escrever e do viver, todo escritor se torna um leitor da inexorável realidade que lhe ronda. Realidade carregada de lírica e uma forma de agir, da eterna profundidade barroca da dualidade, o que faz do escritor um monstro sem tempo e sem território próprio: ele é uma somatória de momentos e lugares que, salvo raríssimas vezes, são só seus. O escritor é, por natureza, um observador. Um ferreiro, que molda situações como se fosse ferro - repetidamente, por força bruta. Porque é necessária a violência para tomar a língua nas próprias mãos nuas, para quebrá-la, sem a fraqueza da piedade, fazendo com que dela, já tão exaurida e insuficiente, surrada e incapaz de mover-se, dela própria, saia novo elixir, nova língua, novo poder. Se faz, assim, um inventor. Não só de histórias; de mundos.

E, por falar em tempo, atente-se que nenhuma sorte é imune à intransigência do tempo. Muito menos a do escritor. Muitas temporalidades dentro de poucas linhas. A história que tentara narrar já não era mais a mesma ao final do enredo, posto que nem consigo mesmo pudera ser

constante, pois sucumbiu, graças a Deus, aos devires impostos pelo tempo. A traição da letra, que deveria ser a prova da veracidade do testemunho, mas que trabalha justamente como carrasco - da tinta e do autor. Esta mesma carta: a história que deveria ser do hoje - mas já não pode ser, a medida que se tornou do ontem, até que chegue às tuas mãos, meu jovem rapaz. De fato, escrever é uma atividade anacrônica. Como disse o velho Borges, as palavras são símbolos que postulam a uma memória compartilhada. Assim, a língua é um sistema de citações. Portanto, de lembranças.

Assim, se é a prisão que realmente almejas, a liberdade encontrarás. "Velho louco", há de pensar. Erras. Não sou velho. Para que diante dos olhos se desenlacem os grilhões da escrita e se vislumbre a liberdade, de uma coisa não se pode prescindir: contemplar a emergência do tempo. Emergência, não como se fora urgência, mas como aquilo que, sem aviso prévio, emerge; o mistério do que não conhecemos e para o qual não estamos prontos, mas absolutamente desprevenidos. O tempo. Não sabemos como reagir, menos ainda o que propor, diante do abismo de aparências indecifráveis. Contemplar, questionar, aceitar a ignorância e esperar que contingências e acasos nos ofereçam a mão que abrirá as portas para soluções - ou novas questões. Ou a mão que arrancará o véu e mostrará a verdadeira face do assombroso desconhecido.

Como se não bastasse tamanha desgraça, escritor não tem terra. Não tem chão onde possa desmaiar, nem palmeira sob a qual recobrar o fôlego.

Não tem pátria para chamar de lar. O território do escritor são as planícies das folhas. Telas multidimensionais, onde se desdobram o drama, a comédia, o real, o abstrato, a catarse.

Tamanha é a responsabilidade do bater da máquina no papel que, para todos os que sofrem os desmandos do tempo e que não encontram para si lugares que não entrelugares, e que, ainda mais desgraçados, não contam com a escrita, assume o escritor o papel de Deus: o detentor do poder e, portanto, sobre quem pesa a obrigação de, ex nihilo, criar. Torna-se não só artesão de seu próprio mundo, mas o soberano que concede a asilo ao despatriado.

Não falo de coisas as quais farei, mas de coisas que gostaria de ter feito ou sabido antes, e que, ainda hoje, de verdade, me empenho em querer. Estou certo de que me perdoarás, ao menos por não conhecer-me, pela incoerência do meu querer: quero muito, mas nem sempre o faço, de modo que minha vontade mais patética é, na verdade, meu logos, minha linguagem, minha palavra, não meu ato. Meu último conselho, não sei bem se posso classificar este amontoado de palavras assim, é este: Neruda, Borges, Cortázar, Fuentes, García López, Amado, Machado, Guimarães Rosa, Drummond de Andrade... a todos estes, a quem conheces, cuidas e, de fato, amas; quero que os tomes, que comas, que engulas, no ritual mais antropofágico que puderes. Devore as suas palavras como nutrientes. Só encontra a liberdade da perpétua pena de escrever aquele que, nalguma página outra, roubou a chave do cárcere.

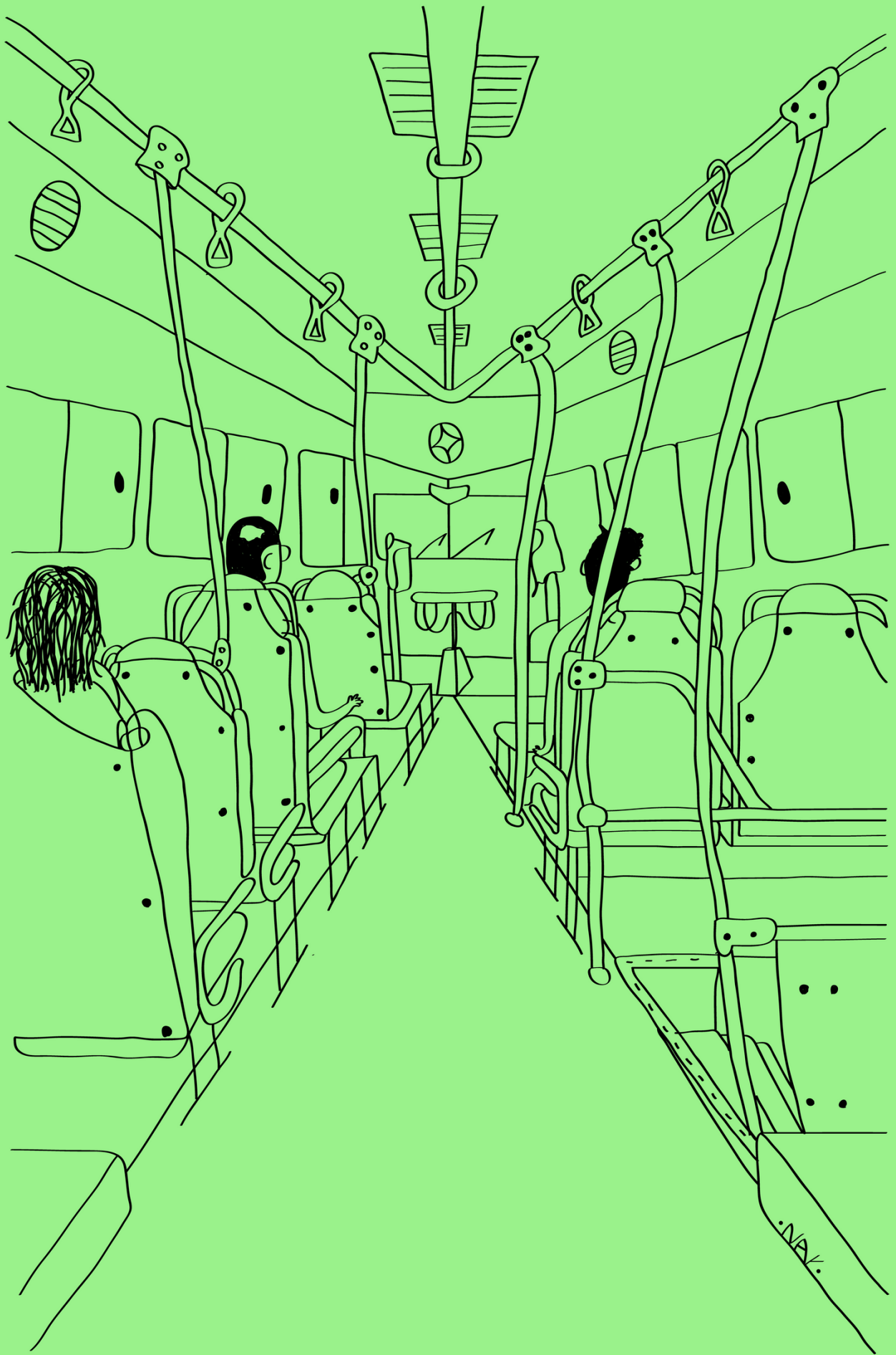
# PERGUNTA ?

BÁRBARA FARIAS  
DA SILVA

Descasos excêntricos  
que corrompem o evêntico, o humano.  
Dessensibilizadamente,  
o caos se instala  
na natureza da ordem.

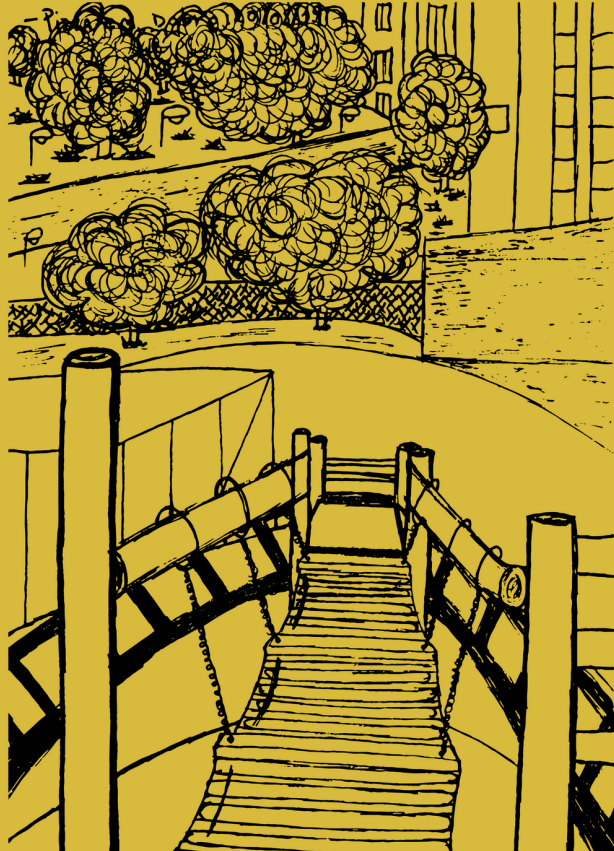
*Quando foi que deixamos ser aquilo que não somos?*





# SEMPRE FUI O DAS DESCULPAS

DANIEL GUIMARÃES LOBO



Sempre fui o das desculpas,  
sempre fui o do porvir,  
ah, se eu te contasse as dezenas de vezes  
que levantando da minha cama  
e me sentindo culpado, existindo  
e portanto possuído por esta culpa  
este pecado original  
(estaria minha professora da catequese  
feliz por mim?),  
decidi que iria fazer as coisas,  
seria alguém, faria grande empresa,  
cantaria algo válido de ser cantado,  
mas que não seria cantado antes pela pena  
d'outro  
seria um escrito puramente revolucionário,  
somente para então um sujeito lá em  
Beirute  
ou Tóquio  
ou mesmo Lisboa, com o Tejo ao fundo,  
atravessar a rua de uma maneira meio  
torta,  
talvez cambaleando de bêbado  
talvez cambaleando de cansaço  
talvez àquele sujeito só o apetecesse  
cambaleiar

(não me importava, ele cambaleou,  
ele cambaleou, eu vi! Juro-te).  
E assim, eu já estando levantado,  
com o papel na mesa  
& com a caneta em uma mão minha  
& com minha outra mão na minha única  
cabeça  
(ah! Somente se eu a tivesse em duas!,  
Somente duas! Peço somente duas e com  
elas  
te entrego uma nova e melhorada  
humanidade numa bandeja),  
pensava:

Está decidido,  
assim não posso mais,  
abalaram todo meu universo.





**FILOCRATA  
X  
MEMÓRIA**  
(OU CONTRACENTRAÇÃO)

MARCOS OLIVEIRA JR.

*We have a greed With which we have agreed*  
- society

---  
*En vano me aferro a los barrotes de la evasión posible*  
- altazor

---  
*Das Tageslicht fällt auf die Seite Der Herbstwind fegt  
die Straße leer*  
- seemann

---  
*Cavaleiro quem és, o remorso?*  
- meu sonho

Dobrareis quarteirões brasileiros  
Procurando um sinal que vos traga  
Algum nome a ninguém masculino

(Nesse bairro atentai-vos primeiro  
Às escol(h)as que o/a corte  
naufraga  
Pois no esquema não entra o ensino)

Para ouvi-lo dizer-se no inteiro  
Feminino que a frase deflagra  
Em sintaxe de pombo latino

Recrutai os arminhos do olheiro  
Para a guerra atracada ao Piága  
Na Avenida do Deus Pequeno

Mas agora correi ao terreiro  
E armai-vos do amor de Gonzaga  
Co'as mãos de Andrade menino...

Quando o sol do orixá cangaceiro  
Derrubar a fa(r)tura que estraga  
O folclore do Horácio platino

Levareis na canção do violeiro  
Salomão um sabor de erva amarga e  
A resposta que herdardes do andino

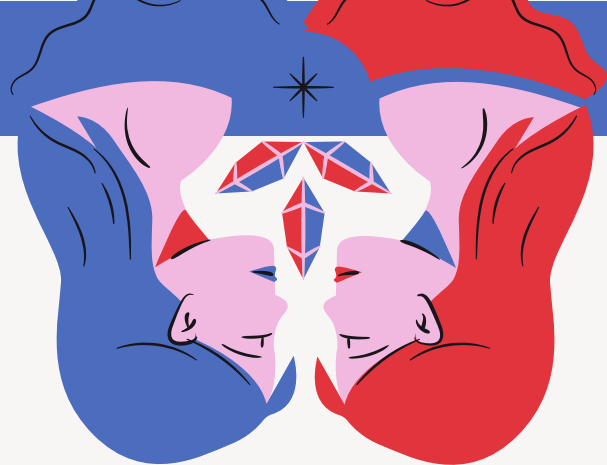
(Ao sairdes do bairro vos quero  
Advoga(n)do em canônica vaga  
Ou em tudo - de novo -  
sereis severino)

"Em Pasárgada o rei condoreiro  
Condenou o cantador pela adaga  
Que vos dei a sangrar sem destino."



# NO ESPELHO

## NO ESPELHO



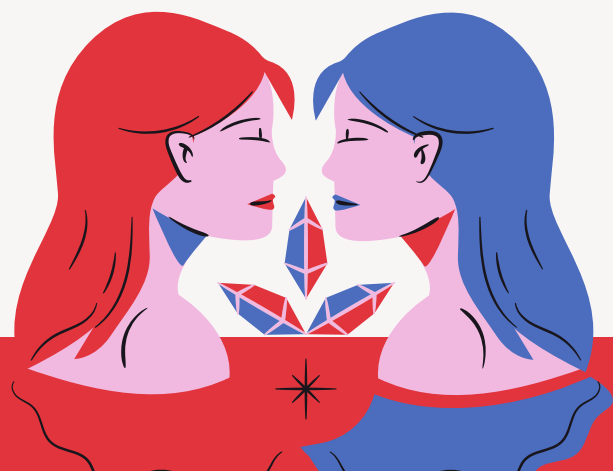
lágrimas por um amor que nunca  
aconteceu,  
lamentos por friezas excessivas,  
por cegueiras amargas,  
tuas palavras ríspidas.

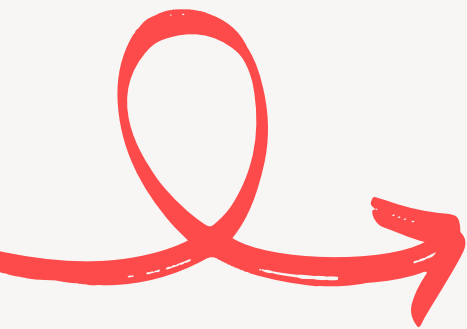
um sopro denso me arrepia  
você sempre teve tudo que mereceu  
as plantas desabrochadas me contam  
do tempo em que eram sementes  
eu me recordo de um distante passado:  
"como és egoísta" - eles diziam  
e eu tão ferida!

de repente me dou conta  
a verdade que parecia não vir à tona,  
a ilusão que sabia, mas não sabia  
enxergar.  
esse amor que tanto quis de ti,  
esses amores que queria puro,  
eu tão pouco dei.  
muitos rejeitei,  
dos mais inocentes me afastei.  
deixei mágoas nunca esclarecidas.

então o meu reflexo claro e vejo você  
pisco rápido, então embaçado  
choro e salgo.  
tem gosto da tua pele,  
verte de mim.  
o que mais me feriu de ti, fui eu.

mayumi m. esmeraldino





# CORAÇÃO

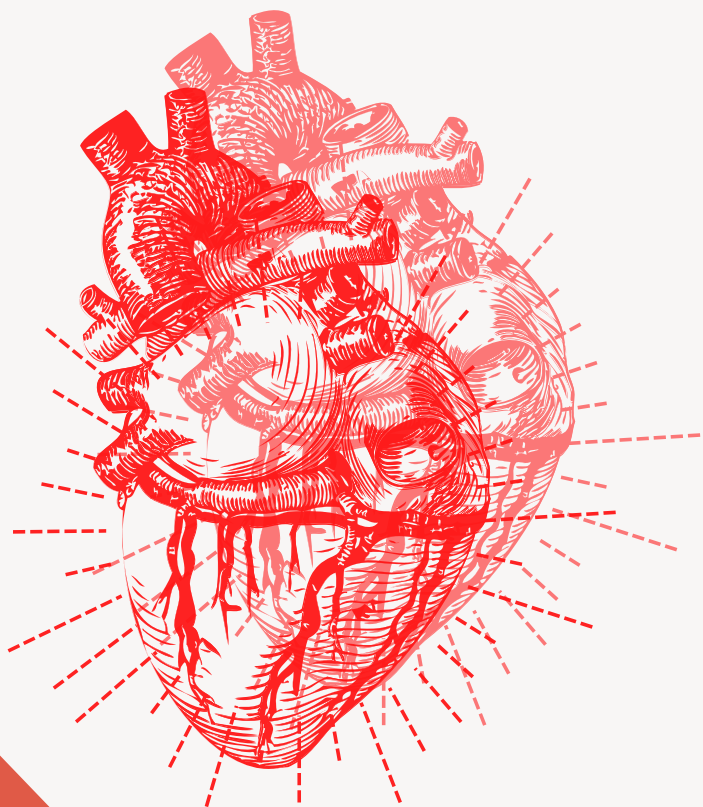
sophia valentim de  
andrade

se hoje brinco  
com palavras  
é porque brincaram  
com o meu coração.

mas coração  
não é brinquedo  
o coração  
tem outro enredo:

é lugar de carinho;  
leito de paixão  
cabe de tudo um pouquinho  
e ainda sobra um vasto vão...

nele só não entra  
quem pensa que coração  
é feito parque  
de diversão.



# FOTO DESCRIÇÃO

---

- **CAPA**

Sobre um fundo preto, temos uma colagem alinhada à direita da capa. Na lateral superior esquerda da capa, ao lado da colagem lemos na vertical e em branco "Dezembro de 2020 PET Letras UFSC" e logo abaixo vemos o número da edição dentro de um círculo preto, escrito "Preguiça 2". Ainda na lateral esquerda da capa, lemos na vertical e em branco a palavra "Preguiça". Parte da palavra está sobreposta à colagem e parte ao fundo preto. Abaixo da colagem lemos em maiúsculo e em branco "A revista para quem não tem pressa." A colagem está em camadas. Ao fundo e um pouco acima do centro, por trás de um papel branco rasgado, há uma foto em preto e branco de pernas femininas sentadas em cima de um corpo parecido com o de um pássaro preto. Acima da foto, no canto superior esquerdo da colagem, vemos um escorpião marrom claro dentro de um vidro arredondado. Abaixo da foto há duas flores. À direita vemos uma flor amarela de cima, com um piercing dourado em seu miolo. À esquerda vemos uma flor vermelha de lado, com um caule verde e comprido. Entre as flores, em preto e branco, vemos uma mão direita estendida para cima, com a palma virada para a frente. Na extrema parte inferior da colagem, vemos em preto e branco uma cidade com muitos prédios e torres. No canto inferior esquerdo, abaixo da flor vermelha, vemos uma drag queen de cabelos loiros, vestindo uma roupa vermelha brilhante e com as pernas abertas, com os pés apoiados sobre a cidade. E na parte inferior direita há um recorte retangular de fundo branco com escritos em preto em que lemos "Eterno instante".

- **PÁGINA 1**

No topo da página, à direita, em escala de cinza e em forma de rabiscos, vemos um bicho preguiça pendurado com as quatro patas em um tronco de árvore. Ao lado esquerdo da imagem, há um retângulo vazado com bordas amarelas e dentro lemos em cinza escuro "Nota da editora". Abaixo do texto, na parte inferior da página e centralizada há uma linha cinza irregular, como se feita com giz de cera.

- **PÁGINA 2**

Ocupando quase toda a lateral esquerda da página, há uma imagem retangular em escala de cinza de dois bichos-preguiça em uma floresta. Ao fundo vemos algumas palmeiras. Em primeiro plano vemos um bicho-preguiça pendurado num galho de árvore, olhando para as folhas dessa mesma árvore e, abaixo, vemos parte do outro bicho-preguiça, agarrado em um tronco quebrado. A sua frente algumas plantas de caules compridos e folhas pequenas.

- **PÁGINA 3**

No topo da página, acima do texto, há uma barra de uma ponta à outra num tom coral escuro. Ao centro-esquerda dessa barra em branco lemos o título "EX NIHILLO" e logo abaixo também em branco lemos "D. Luiz Miranda". Ao lado do título há um caderno aberto de folhas coral claras e capa bege.

- **PÁGINA 5**

No topo da página há uma caixa de diálogo retangular num tom bege esverdeado. Dentro da caixa lemos em preto o título "Pergunta" e ao lado o nome da autora "Bárbara Farias da Silva". Entre o título e o nome da autora há um ponto de interrogação invertido. A parte inferior da página está dividida por uma linha diagonal. Acima da linha a página é branca e abaixo está num tom bege esverdeado. Em cima dessa divisão, levemente à direita da página há uma ilustração de uma vaca sendo abduzida por uma espaçonave azul claro. Acima da vaca e em preto lemos "Moo".

## • PÁGINA 6

A página é toda verde claro. Ao centro, ocupando quase toda a página, vemos uma ilustração em contornos pretos do interior de um ônibus. A ilustração parte do ponto de vista de quem senta no fundo. Há três pessoas sentadas. As vemos de costas. Duas em assentos à esquerda e uma à direita.

## • PÁGINA 7

O topo da página está em amarelo queimado. À esquerda, em branco, lemos o título "Sempre fui o das desculpas" e logo abaixo o nome do autor "Daniel Guimarães Lobo". Na lateral esquerda do topo há uma ilustração em contornos pretos. Na ilustração, em primeiro plano vemos uma ponte de madeira. Em segundo plano, uma elevação no solo ao centro e à esquerda uma construção quadrada. Em terceiro plano vemos uma rua com postes de luz e árvores nos dois lados. E ao fundo à direita vemos alguns prédios.

## • PÁGINA 8

Na parte superior esquerda da página vemos apenas um contorno em preto do mapa do Brasil. Dentro do mapa lemos em bege esverdeado o título "Filocrata x Memória (ou contracentração)" e logo abaixo o nome do autor "Marcos Oliveira Jr.". Em toda a parte inferior da página vemos uma ilustração monocromática em bege esverdeado de uma cidade.

## • PÁGINA 9

No topo da página há uma faixa azul. Na extrema direita da faixa há uma ilustração invertida verticalmente de duas mulheres iguais uma de frente para a outra, como um reflexo. Uma possui cabelos azuis e veste roupa azul e a outra possui cabelos vermelhos e veste roupa vermelha. Na parte inferior da página há uma faixa vermelha. Na extrema esquerda da faixa vemos a mesma ilustração das mulheres, agora não invertida.

## • PÁGINA 10

No topo da página, ao lado esquerdo do título há uma flecha fazendo uma curva como uma letra L em fonte cursiva. A flecha aponta para o título "Coração". No centro da página há uma ilustração de um coração humano em vermelho e logo atrás há a mesma ilustração em tom mais claro. Da lateral esquerda da página até o canto inferior direito corre uma linha que divide a página em branco e vermelho.

## • CONTRACAPA

O fundo da contracapa é a mesma ilustração que temos na capa, agora com maior transparência, quase branca. No topo da página, à direita, vemos o logotipo do PET Letras UFSC, que consiste em dois círculos, um interno e outro externo. No círculo interno há uma flor-de-lis branca em fundo preto. No círculo externo acima lemos "PET Letras" e abaixo lemos "UFSC". Na parte inferior da página vemos o logotipo da Revista Preguiça, que consiste em três rostos iguais de um bicho-preguiça, em escala de cinza, do mais escuro, à esquerda, para o mais claro, à direita.





## PRODUÇÃO

Diagramação // Mayumi Esmeraldino  
Edição de imagens // Mayumi Esmeraldino  
Editorial // Tuan  
Logotipo Preguiça // Lara Norões Albuquerque  
Sobre o PET Letras // Ana Santiago  
Revisão // Camila Vicentini Camargo

## COLABORADORES

Ex Nihilo // D. Luiz Miranda // Letras Português  
Pergunta // Bárbara Farias da Silva // Letras Português  
Sempre Fui O Das Desculpas // Daniel Guimarães Lobo // Letras Português  
FillocrataxMemória // Marcos Oliveira Jr. // Letras Português  
No Espelho // Mayumi M. Esmeraldino // Letras Francês  
Coração // Sophia Valentim de Andrade // Letras Francês  
Ilustrações // Naylê F. Pertuzzatti // Letras Francês  
Capa e Contra Capa // Gabriela da Costa Oms // Artista convidada

## PET LETRAS UFSC

Ana Gabriela Dutra Santos // Ana Santiago // Ananda Gomes Henn //  
Andréia Gomes Araújo // Andrés Leonardo Salas Garcés // Camila  
Vicentini Camargo // Daniel Guilherme Gonçalves // Felipe Mateus dos  
Santos // Juliana Maggio // Luciana dos Santos // Mayumi Motta  
Esmeraldino // Moara Zambonim // Nicole da Cruz Rabello // Sarah de  
Carvalho Ortega // Stéfany Gomes Pereira // Vítor Pluceno Behnck

## SOBRE O PET LETRAS

PET (Programa de Educação Tutorial) foi implantado pela CAPES em 1979, destinado a alunos regularmente matriculados na graduação. Seu objetivo é propiciar aos estudantes uma formação integral em sua área de estudos, envolvendo pesquisa, extensão e ensino. O PET Letras na UFSC surgiu em 1992 e hoje o grupo busca integração com a comunidade acadêmica e externa. Procura envolver os estudantes através de eventos variados, despertando discussões e reflexões, além de troca de saberes.

ETERNO INSTANTE



A REVISTA PREGUIÇA É UMA PRODUÇÃO PET LETRAS UFSC